

## A VERDADEIRA PÁTRIA DOS TRABALHADORES: A URSS E AS EDIÇÕES COMUNISTAS

(texto publicado como capítulo de livro In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005, v.1, p. 343-365.)

Rodrigo Patto Sá Motta

Departamento de História/UFMG

O século passado foi atravessado por vários conflitos graves, mas, sem dúvida, um dos embates mais importantes travou-se em torno do projeto comunista, que mobilizou paixões agudas de simpatizantes e adversários. Comunistas e anticomunistas defenderam com ardor seus ideais e interesses e sua luta levou a revoluções, golpes e, durante anos de muita ansiedade e tensão, deixou o mundo à beira da hecatombe nuclear. O universo dos livros e das edições foi profundamente envolvido e mobilizado nesse quadro, como não poderia deixar de ser. Os defensores e detratores da utopia comunista e de seu símbolo maior, a União Soviética, lançaram mão dos impressos para divulgar os próprios pontos de vista e atacar os dos adversários. A proposta deste trabalho é fazer uma incursão através do mundo das edições e dos editores comunistas no Brasil que, ao longo de várias décadas, publicaram centenas de livros dedicados à propagação de seus ideais e à formação de uma cultura comunista.

Ressalve-se, não pretendemos trilhar o campo da história da leitura: a análise que segue situa-se na vertente da história do livro. Ocupamo-nos de abordar a produção e circulação do livro, deixando para outro momento a tentativa de responder às perguntas cruciais da história da leitura: como os impressos eram lidos, recebidos, apropriados? Não obstante, vislumbramos possibilidades interessantes de abordar o tema a partir do estudo da recepção e das práticas de leitura, que podem vir a configurar um campo para futuras pesquisas.

Um caminho a ser explorado seria analisar práticas de leitura coletivas dos comunistas. Duas situações parecem particularmente férteis, as prisões e os cursos de formação. Nos períodos mais longos de aprisionamento, notadamente no decorrer das experiências autoritárias mais duradouras (Estado Novo e Regime Militar), foram práticas comuns entre os militantes trocas de livros e realização de discussões e

palestras. Naturalmente, liam e faziam circular os livros que as circunstâncias permitiam. A realização de cursos para formação de militantes foi iniciativa recorrente no interior da tradição comunista, que considerava indispensável socializar seus membros na organização e inculcar neles os valores e as idéias necessários à criação de verdadeiros quadros revolucionários. Por vezes, os cursos eram realizados em escolas de quadros, casas ou sítios clandestinos para onde os militantes eram deslocados e mantidos em regime de estudo em tempo integral, com duração de uma ou mais semanas. No início dos anos 1950, o PCB (então Partido Comunista do Brasil) criou e pôs em funcionamento os cursos “Stálin” e “Lenin”, pelos quais teriam passado cerca de 4.500 pessoas<sup>1</sup>.

Outra possibilidade interessante seria estudar as bibliotecas organizadas e/ou dirigidas pelos comunistas, em busca das práticas de leitura dos seus usuários. Seria o caso da Biblioteca do Centro de Cultura Popular, que funcionou em Belo Horizonte em 1935, e valeria a pena também pensar nos casos das Bibliotecas Scholem Aleichem, do Rio de Janeiro, e da Casa do Povo, de São Paulo, organizações de cultura judaica que sofreram forte influência comunista entre os anos 1930 e 1960. Práticas de leitura de militantes também podem ser vislumbradas em bibliotecas particulares apreendidas pela polícia política. Em alguns casos, podem ser encontrados livros com impressões e observações de leitura anotadas nas margens das obras<sup>2</sup>.

Um último caminho que julgamos factível trilhar na tentativa de ir ao encontro desse sempre esquivo personagem, o leitor: as correspondências enviadas às editoras comunistas. Aqui também a polícia política, inadvertidamente, prestou grande serviço ao historiador, guardando o acervo documental de algumas editoras comunistas. Pelo menos em um caso localizamos volume considerável de correspondências entre uma editora e seus leitores e distribuidores, material que pode lançar luz sobre os modos como os livros eram apropriados por quem os lia.

Concentremo-nos, porém, no tema central proposto neste texto, os livros e as edições comunistas, com ênfase, que será esclarecida adiante, nas representações

---

<sup>1</sup> RUBIM, Antonio A. Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p.23. Havia também cursos de formação e escolas de quadros no exterior, principalmente na União Soviética. No decorrer de seis décadas, centenas de comunistas brasileiros realizaram cursos na URSS.

<sup>2</sup> No arquivo do DOPS/MG, cujo acervo vem sendo organizado através de parceria entre o Departamento de História da UFMG e o Arquivo Público Mineiro, com financiamento do CNPq e da FAPEMIG, já localizamos alguns casos desse tipo.

construídas sobre a União Soviética. Para uma compreensão adequada do nosso objeto é necessário, inicialmente, ter clareza sobre o significado do comunismo e do ser comunista. O projeto comunista traz implicações que vão além das práticas políticas tradicionais, ultrapassando o escopo de ação comum aos partidos convencionais. Não se tratava apenas da conquista do poder para efetivar uma revolução social e econômica, mas de construir o “homem novo” e uma nova sociedade, ambos dotados de novos valores e cultura também novos, supostamente derivados do universo operário. Daí decorre que os comunistas não se ocupavam somente de propaganda e agitação, mas atuavam na formação cuidadosa e sistemática do “povo” ou “família” comunista, que deveria absorver os valores, mitos e símbolos construídos pelos revolucionários. Em outras palavras, tratava-se de construir e disseminar uma cultura comunista entre os membros do grupo. Por isso, sua produção intelectual e ação editorial não se restringiram a textos políticos e doutrinários, mas abarcava também romance, poesia, história e dramaturgia<sup>3</sup>. Nesse universo, parte dos livros de maior circulação pertencia ao gênero “romance proletário”, e eles tiveram tanta importância na disseminação da mensagem comunista quanto os textos doutrinários. De fato, no caso de algumas pessoas a vocação revolucionária foi despertada menos pelos textos políticos e mais pela leitura dos romances engajados.

No decorrer de seu longo período de atuação no Brasil os comunistas editaram inúmeros periódicos, bem como organizaram várias casas editoriais, responsáveis pela publicação de centenas de títulos. Vamos nos ocupar aqui apenas dos livros, embora jornais e revistas constituam parte fundamental da história das edições comunistas, inclusive por terem ajudado a divulgar e vender os livros em questão. Na trajetória algo acidentada da edição de livros comunistas no Brasil destacam-se dois momentos-chave: os anos entre 1930 e 1935 e o período de 1943 a 1964. Nos contextos referidos ocorreu um pequeno *boom* de editoras comunistas, que se deveu à combinação entre a emergência de conjunturas políticas marcadas por relativa liberdade e o aumento da influência dos ideais socialistas, implicando maior procura por publicações de esquerda. Significativamente, as duas fases foram encerradas devido à eclosão de surtos de repressão estatal, que se abateram sobre os livros e os militantes de esquerda.

### 1930-1935

---

<sup>3</sup> Além de produção cinematográfica, que foge aos objetivos presentes aprofundar. Cf. RUBIM, *Op.cit.*, pp.58 e 59.

O abalo provocado pelos acontecimentos relacionados à Revolução de 1930, como se sabe, enriqueceu o debate intelectual e político no país. Menos conhecidos foram os efeitos benéficos sobre o mundo editorial, especialmente no que tange às publicações de esquerda. Várias editoras de esquerda pipocaram naqueles anos, na maioria concentradas no eixo Rio/São Paulo, sendo as principais: MARENGLLEN, LUX, CARAMURU, SELMA, ALBA, SOVIET, ADERSEN, CULTURA BRASILEIRA, UNITAS e CALVINO<sup>4</sup>. Essas pequenas editoras possuíam vínculos diretos ou indiretos com o Partido Comunista. Em alguns casos, há indícios que o partido forneceu os fundos para o início das atividades, mas encarregou algum intelectual ou militante de gerir o negócio; em outras situações eram intelectuais ligados ao partido, ou dissidentes dele (o caso da Unitas, fundada por militantes trotskistas) os responsáveis por abrir e tocar as editoras. De qualquer modo, a linha editorial dessas “casas” seguia os ditames do projeto comunista. Esse breve surto de publicações de esquerda resultou, principalmente, na tradução de clássicos do marxismo e de textos de “literatura proletária” (romance, memórias, poesia), tornando a circulação das idéias e valores comunistas no país mais fácil.

As editoras referidas tiveram existência efêmera, em grande medida como resultado da ação policial, que se fez notar de modo mais intenso a partir de 1935<sup>5</sup>. Aquelas que não foram diretamente proibidas de funcionar faliram em decorrência dos prejuízos causados pelo recolhimento dos livros, considerados atentatórios à manutenção da ordem política e social, o que implicou, muita vez, a perda e destruição de milhares de exemplares.

A mais bem sucedida entre essas pequenas editoras de esquerda surgidas no início dos anos 1930 foi, sem dúvida, a Calvino, única a sobreviver à ditadura varguista e participar da fase de reerguimento dos comunistas a partir dos anos finais da II Guerra. Ela pertencia a José Calvino Filho, personagem curioso do nosso universo editorial que, por sua trajetória e atitudes audazes e polêmicas valeria a pena ser mais bem

---

<sup>4</sup> MARENGLLEN é uma sigla resultante da junção das letras iniciais de **Marx, Engels e Lenin**; o emblema da editora era uma montagem com os retratos dos três. Para uma relação dos títulos publicados por essas editoras conferir CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986 e RUBIM, *Op.cit.* Sobre a atuação de algumas das editoras referidas ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Cultura amordaçada: o Deops e o saneamento ideológico. In ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2000, pp.427-447.

<sup>5</sup> A tensão política crescente causada pela polarização entre esquerda e direita levou o governo Vargas a editar a chamada “Lei Monstro”, em abril de 1935, que permitia o controle e a censura das publicações. Após o fracassado levante comunista de novembro do mesmo ano, a legislação e a ação repressiva tornaram-se ainda mais abrangentes e rigorosas.

pesquisado. As ligações de Calvino com os comunistas só se tornaram claras em 1945<sup>6</sup>, o que explica sua longevidade como editor, e a façanha de ter sobrevivido no mercado de livros durante os difíceis anos da ditadura. A sobrevivência de sua casa editorial deveu-se também à existência de um catálogo amplo, não restrito a publicações de esquerda. Quando o ambiente político tornou impossível publicar obras de esquerda, Calvino concentrou-se em edições voltadas para medicina e psicologia. Vamos encontrá-lo em 1943, após anos de afastamento da temática política, testando os limites da ditadura e provocando os setores conservadores, ao lançar no mercado títulos simpáticos à União Soviética. Ele enfrentou as críticas provenientes da direita com vigor, defendendo seus livros e convicções em debates públicos travados na grande imprensa<sup>7</sup>. Aliás, como se verá adiante, Calvino Filho publicou os livros dedicados à URSS de maior sucesso de público e vendagem no Brasil.

#### 1944-1964

A Segunda Guerra abriu caminho para um novo quadro político, bastante favorável à atuação dos comunistas. A formação da Grande Aliança, juntando as potências ocidentais à URSS num esforço comum para derrotar o nazi-fascismo, em nome da democracia e dos direitos humanos, colocou o argumento anticomunista em segundo plano, ao menos momentaneamente. Como os comunistas apoiavam o esforço de guerra e a mobilização patriótica – no caso do Brasil passaram a dar apoio tácito ao governo Vargas – tornava-se delicado manter sobre eles a vigilância repressiva habitual. Não é sem motivo, portanto, que a partir da entrada do Brasil na guerra (1942) ocorre uma retomada da atuação comunista, beneficiada também pelo prestígio que a União Soviética estava conquistando nos campos de batalha.

Cientes que o horizonte se tornava cada vez mais azul para sua causa, os comunistas trataram de preparar-se também para a luta no *front* editorial. Como já foi dito, desde 1943 Calvino Filho começou a explorar a disposição das forças da ordem, lançando no mercado livros que faziam apologia da URSS. No entanto, mesmo que seu proprietário integrasse os quadros do PCB, a Calvino não poderia ser uma editora do partido, pois esse precisava de uma organização sob estrito controle. Por outro lado, os líderes do PCB não pretendiam concentrar suas publicações em apenas um selo, seja por

---

<sup>6</sup> Não temos dados suficientes para afirmações definitivas. Não se pode descartar a possibilidade de que José Calvino só tenha aderido efetivamente ao comunismo nos anos 1940. A polícia política também estava interessada no personagem, que foi mantido sob vigilância pelo DOPS carioca.

pretenderem dificultar o trabalho repressivo, seja devido a uma estratégia para aumentar a circulação dos livros. O fato é que três editoras foram criadas pelo partido entre 1944 e 1945: Leitura, Horizonte e Vitória<sup>8</sup>. No início, provavelmente planejava-se uma divisão de tarefas entre elas, para que não atuassem na mesma faixa. Mas apenas a Editora Vitória sobreviveu à nova onda repressiva instaurada pelo governo Dutra em 1946-47, e, aparentemente, absorveu as duas outras a partir de 1948.

A editora, cujo emblema era a estátua de Vitória de Samotrácia, foi a mais longa experiência editorial dos comunistas brasileiros até então. Ela durou exatamente vinte anos, expirando em meio ao vagalhão anticomunista de 1964. No decurso dessas duas décadas a Vitória lançou mais de uma centena de títulos, alguns dos quais tiveram boa vendagem, alcançando cinco ou seis edições. Sobreviver é um verbo adequado para expressar a experiência dessa editora, cujas instalações foram invadidas pela polícia carioca nada menos que cinco vezes (1949, 1950, 1954, 1956 e 1964<sup>9</sup>). Na primeira invasão aos escritórios do Editorial Vitória os agentes da polícia política recolheram seu arquivo, contendo milhares de documentos, entre eles: correspondências, balancetes, folhetos de propaganda, fichas cadastrais de distribuidores e correspondentes e documentação relativa aos funcionários. Apesar dos esforços dos advogados o acervo não foi devolvido à editora, permanecendo no arquivo do DOPS carioca até hoje.

Graças ao zelo repressivo e arquivístico da polícia podemos ter uma idéia do funcionamento e do escopo de ação da editora. De acordo com os balancetes, durante o ano de 1946 teria havido uma movimentação financeira da ordem de 600 mil cruzeiros. Não há como saber se os dados são precisos, pois, com muita freqüência, esse tipo de documento é manipulado de modo a diminuir a carga de impostos devidos pela empresa. Supondo-se que fossem confiáveis essas informações poderíamos estimar uma vendagem de livros da ordem de 60 mil unidades naquele ano, partindo de um preço médio de dez cruzeiros (os livros mais caros que encontramos eram vendidos na casa dos 20 cruzeiros, enquanto algumas promoções saíam por um cruzeiro). A documentação apreendida revela que a Editora Vitória tinha uma estrutura administrativa de porte médio: nove funcionários trabalhando em seu escritório,

---

<sup>7</sup> Em 05/11/43 Calvino publicou artigo no *Diário da Noite*, chamando os detratores de seus livros de integralistas e quinta-coluna. Criticar a URSS naquele momento, argumentava ele, era fazer o jogo do nazismo.

<sup>8</sup> Não vamos analisar outras editoras de esquerda que funcionaram no período entre o fim da Guerra e o golpe de 1964, algumas delas dirigidas por intelectuais comunistas, exemplos: FULGOR, BRASILIENSE e MELSO. Cf. CARONE, *Op.cit.*

incluindo o gerente. Essas informações, associadas ao grande volume de cartas trocadas com leitores, distribuidores e representantes<sup>10</sup>, que chegavam a alguns milhares, nos levam à conclusão que o movimento editorial da casa estava longe de ser desprezível. Afinal, o Partido Comunista naqueles anos possuía aproximadamente 50.000 militantes, para não falar nos simpatizantes, o que constituía um grupo razoável de potenciais leitores.

O acervo documental permite-nos conhecer a estratégia de vendas e distribuição da editora. Em primeiro lugar, para além dos folhetos de propaganda e cartazes, o principal meio de divulgar ao público os lançamentos da Vitória era a imprensa comunista, também chamada “imprensa popular”. O PCB possuía nesses anos uma extensa cadeia de jornais, que pelo número de títulos em circulação constituía-se numa das maiores redes jornalísticas do país<sup>11</sup>. Esse aparato jornalístico chegou a contar inclusive com uma agência de distribuição de informações, a INTERPRESS, cuja função era enviar material jornalístico para as dezenas de integrantes da rede. A Vitória publicava anúncios de seus livros nos periódicos comunistas, maneira imediata de comunicar-se com o público potencial da editora. Nos primeiros anos ela trabalhou com vendas por reembolso postal e os formulários a serem recortados e preenchidos pelos compradores eram publicados nos jornais da “imprensa popular”. Porém, em meados de 1948 os responsáveis pela editora abandonaram a venda por reembolso, pois vinham acontecendo problemas frequentes no processo de distribuição pela via postal.

Devido a essas dificuldades a editora começou a investir na expansão do número de distribuidores, tentando constituir uma rede de agentes de vendas. Ela começou a enviar uma carta padrão aos leitores mais assíduos, convidando-os a tornarem-se representantes da Vitória em sua região. Caso o convidado não pudesse aceitar pedia-se que indicasse alguém de confiança para realizar o trabalho. O contrato a ser firmado com esses agentes estipulava que receberiam 30% do preço de capa, com a ressalva que as despesas de postagem dos livros corriam por conta da editora<sup>12</sup>. Tais estratégias de distribuição – o reembolso e o uso de agentes de vendas – tinham o objetivo de vencer

---

<sup>9</sup> Segundo um relatório policial datado de 02/10/64. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 1255.

<sup>10</sup> Há também correspondências trocadas com editoras estrangeiras, cujos livros e/ou periódicos a Vitória distribuía no Brasil. No arquivo existem fichas cadastrais dos livreiros e agentes de vendas responsáveis pela distribuição das publicações da Vitória. Também estão lá os dados cadastrais de alguns dos funcionários, além de documentos de identidade.

<sup>11</sup> RUBIM, *Op.cit.*, p.30 e 31.

<sup>12</sup> Um exemplo: em 19/07/48 foi enviada uma dessas cartas a Manoel José Donato, de Bauru. APERJ, Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 122.

as dificuldades para se chegar aos leitores dos Estados menores e das cidades do interior. Para além das fragilidades do mercado livreiro brasileiro à época, havia o problema adicional de driblar a resistência das livrarias tradicionais em trabalhar com livros comunistas, que em muitos casos devia-se ao medo de atrair complicações policiais. Nas metrópoles o desafio da distribuição era mais fácil, já que em algumas das grandes cidades havia livrarias ligadas aos comunistas.

Pois bem, essas edições comunistas pretendiam dirigir-se e atingir o povo brasileiro. Afinal, o Partido Comunista imaginava-se uma organização de vanguarda de operários, cuja missão histórica era conduzir o povo à redenção através da revolução. Para alcançar esse ambicioso objetivo os comunistas precisavam divulgar sua mensagem e construir um corpo sólido de militantes e simpatizantes da causa, e aí a política editorial tinha papel estratégico a desempenhar. Como as coisas não fossem assim tão simples, ou seja, não era tão fácil levar as camadas populares a lerem os livros comunistas, foram tomadas várias iniciativas visando a popularizar tais publicações.

Uma das estratégias adotadas pelas editoras de esquerda foi o lançamento de edições populares dos livros mais procurados, vendidos a preços mais baixos e, às vezes, com o texto original modificado e simplificado. A Editora Calvino utilizou-se desse artifício nos anos 1940, chegando a imprimir nas capas dos livros o selo “edição popular” e, ao lado, em destaque, o preço. Um exemplo é o livro *O Poder Soviético*, que saiu em edição convencional, ao custo de 26 cruzeiros, contendo 460 páginas, e em edição popular ao preço de 10 cruzeiros, com 320 páginas.

Outro recurso era publicar livros de divulgação de questões centrais à doutrina ou à propaganda escritos em linguagem simples, algumas vezes concebidos originalmente para crianças e jovens. É o caso de *O abecedário da Rússia Nova*, do russo M. Illin, publicado pela Calvino em 1934. O autor elaborou o texto pensando em atingir o leitor juvenil, explicando em termos simplificados (e, naturalmente, elogiosos) o funcionamento dos planos quinquenais do Estado soviético<sup>13</sup>. Envidaram-se também esforços para facilitar a disseminação da teoria marxista entre as pessoas de níveis sociais mais baixos e pouca escolarização, através de manuais de popularização da doutrina. Exemplos: *Economia política: curso popular* (São Paulo: Caramuru, 1935) e *Filosofia marxista: compêndio popular* (Rio de Janeiro: Vitória, 1963). Vale mencionar

---

<sup>13</sup> Do mesmo autor – e com igual preocupação de atingir os jovens – saiu uma *História do livro*, traduzida para o português em 1944 pela editora Vitória. Uma evidência a mais da importância conferida pelos comunistas ao livro.



também a publicação de manuais de história concebidos sob inspiração do marxismo soviético, como *História Moderna*, de N. Efímov, publicado pela primeira vez no Brasil em 1960 e que seria reeditado até a década de 1980<sup>14</sup>.

No final dos anos 1940, a Editora Vitória organizou um interessante pacote promocional voltado à popularização da leitura, nesse caso especificamente dirigido aos operários. Tratava-se da “Pequena Biblioteca do Operário”, uma coleção de sete livros vendida por módicos 20 cruzeiros, na época o valor de um livro médio. Os textos eram da lavra dos “clássicos”: Marx, Engels, Lenin e Stalin. Provavelmente, era a esse pacote que se referia um leitor de Uberlândia, que solicitou ao escritório da editora “com a urgência possível, 20 coleções das obras de edição popular”.<sup>15</sup>

Uma das iniciativas de maior impacto no que tange aos esforços de popularização dos livros ocorreu em 1953, com o lançamento da coleção “Romances do Povo”, do Editorial Vitória. Para dirigir a coleção foi escalado, sagazmente, o nome do mais popular entre os escritores comunistas brasileiros, Jorge Amado, cuja imagem foi utilizada para ajudar na divulgação<sup>16</sup>. Segundo o gerente da casa, Benito Papi, a intenção era reunir “livros de vanguarda” e autores da “literatura progressista mundial”, combinados a autores nacionais de perfil semelhante, nomeadamente James Amado, Alina Paim e Dalcídio Jurandir, e, através de edições baratas levar cultura ao povo. Nas palavras de Papi: “À proporção que esse apoio aumentar [da massa de leitores] ampliaremos ainda mais nosso programa cultural de modo a dar ao nosso povo edições cada vez melhores e mais baratas”.<sup>17</sup>

Essa coleção, que tirava inicialmente dez mil exemplares de cada título, servirá de ponte para entrarmos no tema da “pátria dos trabalhadores”. Dos 20 livros que saíram pela coleção “Romances do Povo” nada menos que 12 eram de autores soviéticos.<sup>18</sup> Os comunistas viam na União Soviética o modelo a ser seguido e o lugar

<sup>14</sup> A 1ª edição saiu pela Vitória. Localizamos uma 3ª edição, que saiu pela Novos Rumos (editora organizada pelo PCB no final do regime militar) em 1986. Circulou também, em data não informada, uma edição do Centro do Livro Brasileiro, de Lisboa.

<sup>15</sup> Uberlândia, 13/03/48, José Márcio (sobrenome ilegível). APERJ, Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 768.

<sup>16</sup> Na quarta capa do 5º volume aparece um anúncio do próximo livro, que termina assim: “... tal é a obra escolhida por Jorge Amado para o próximo lançamento da Coleção Romances do Povo”.

<sup>17</sup> Entrevista publicada no jornal *Imprensa Popular*, edição de 16/01/53. APERJ, Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 1229.

<sup>18</sup> Dos brasileiros acabou saindo apenas o livro de Alina Paim. Os outros autores estrangeiros eram de Portugal, Haiti, EUA, Alemanha oriental, China e Índia. A coleção foi interrompida em 1956, certamente em decorrência da crise provocada pela “desestalinização”. Seria difícil continuar o projeto nos moldes originais, afinal o próprio diretor da coleção rompeu com o PCB. Eis a relação completa dos livros: POLEVÓI, B. *Um homem de verdade*; OSTROVSKY N. *Assim foi temperado o aço*; FERREIRA DE CASTRO. *A lã e a neve*; SIOMÚCHKIN, T. *O grande norte*; ROUMAIN, Jacques. *Donos do orvalho*;

sagrado que deveria ser defendido como seu sua pátria fosse (“Não há sentimento mais nobre que o amor pela União Soviética”; “... a solidariedade internacional [...] para com ela, a ‘pátria dos trabalhadores’”; “ela, a grande mãe generosa [...] a União Soviética”; “... União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mãe, irmã e amada minha”<sup>19</sup>). Nas edições comunistas brasileiras o impacto dessa “sovietolatria” ou “sovietofilia” foi grande, levando a que parcela considerável dos títulos publicados guardasse relação direta ou indireta com a “pátria socialista”.

Deixando de lado textos doutrinários de líderes soviéticos, notadamente os de Lenin e Stalin, que na qualidade de leituras obrigatórias alcançavam circulação bastante ampla, propomos, para encaminhar a análise das publicações comunistas com enfoque na URSS, uma divisão desses livros em três grandes categorias:

- A) Romance proletário
- B) Nova Rússia
- C) Relatos de viagem

O romance proletário ou romance social soviético – que alcançou formas canônicas quando as autoridades da URSS estabeleceram o realismo socialista como estética oficial – teve importância destacada no mercado livreiro de esquerda entre as décadas de 1930 e 1960<sup>20</sup>. Durante esse período dezenas de títulos foram lançados, alguns deles reeditados até hoje. Nomes como Gorki, Gladkov, Serafimovitch, Ostrovsky, Ehrenburg, Cholokhov, entre outros, escreveram os romances mais populares entre os leitores de esquerda, narrando as aventuras, desafios e emoções vividas por personagens em busca da construção do socialismo. A maioria desses textos compunha-se de sagas e épicos, tendo como protagonistas centrais heróis proletários, lutadores destemidos que não mediam esforços e sofrimentos quando estava em jogo a criação do novo homem e da nova humanidade.

---

FÚRMANOV, Dmitri. *Tchapáiev*; NIKOLAIEVA, Galina. *A colheita*; EHRENBURG, Ilya. *A tempestade*; EHRENBURG, Ilya. *A tempestade*. (vol. 2); FAST, Howard. *Espartaco*; PAIM, Alina. *A hora próxima*; PAVLENKO, Piotr. *A felicidade*; BEK, Alexandr. *A estrada de Volokolamsk*; FAST, Howard. *A tragédia de Sacco e Vanzetti*; FÉDIN, Konstantin. *Primeiras alegrias*; SERAFIMOVITCH, A. *A torrente de ferro*; TING LING. *Sol sobre o rio Sangkan*; ANAND, Mulk Raj. *Coolie*; SEGHERS, Anna. *Os mortos permanecem jovens*; CHOLOKOV, Mikhail. *Terra e sangue*.

<sup>19</sup> Trechos do livro *O Mundo da Paz*, de Jorge Amado (3 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1952), respectivamente páginas 16, 29, 63 e 235.

<sup>20</sup> Naturalmente, havia obras do gênero provenientes de outros países, como Estados Unidos e Alemanha. Mas a grande matriz, sem dúvida, era a União Soviética, inclusive por ser a fonte em matéria doutrinária. Em 1934, num Congresso de Escritores realizado em Kharkov foi estabelecido o realismo socialista como modelo correto a ser seguido pelos artistas comunistas, aí incluídos os escritores. Para uma conceituação do realismo socialista ver: DUARTE, Eduardo Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: UFRN, 1995. pp.274 e 275.

Embora não seja possível aprofundar a análise neste momento, temos convicção que essas leituras desempenharam papel importante na divulgação do projeto e dos valores comunistas. Os romances, talvez de maneira mais eficaz que os cacetes textos doutrinários, ajudaram a disseminar e a formar a cultura comunista. De maneira mais leve e indireta, e tocando na teclas sensíveis da emoção e da paixão, eles apresentavam aos leitores alguns dos elementos centrais da cultura comunista: o partido infalível, guardião da verdade e portador da chave que abriria as portas do futuro; o comunista/bolchevique como um homem de aço (às vezes algumas mulheres também), capaz de enfrentar qualquer dificuldade ou prova; o operário como o tipo humano básico, verdadeira matéria-prima na edificação da sociedade socialista; o inimigo inato identificado nas figuras do padre, do burguês e do aristocrata. Para além da importância que essas leituras possam ter tido na conquista de novos aderentes e na formação dos quadros comunistas, elas também serviram de modelo para os intelectuais comunistas brasileiros que se dedicaram a construir uma literatura proletária. É tema que merece ser pesquisado.

Nova Rússia foi uma expressão comum no Brasil dos anos 1930, utilizada por defensores e detratores do bolchevismo para designar a sociedade em formação após o advento revolucionário. Ela apareceu nos títulos de alguns dos inúmeros livros dedicados a analisar as múltiplas facetas do experimento social em curso na URSS. O fascínio exercido pela sociedade soviética fez com que relatos e estudos nela inspirados fossem produzidos aos borbotões, e durante um longo período, desde a fundação até a destruição do Estado soviético. Porém, a literatura produzida ou traduzida pelos comunistas brasileiros tendeu a concentrar-se nos anos entre 1930 e 1960. Esse conjunto poderia ser classificado em três fases, correspondendo a conjunturas em que a combinação de fatores internos e externos imprimiu sua marca e impulsionou as edições.

O primeiro momento corresponde ao início do mercado livreiro comunista, da fase de inquietação e busca aberta com a Revolução de 1930 até a repressão anticomunista pós-1935. Predomina uma literatura que procura mostrar aos brasileiros os principais aspectos da sociedade em formação no “país dos soviets”, que o público brasileiro conhecia apenas nas versões caricaturais da propaganda anticomunista. As edições comunistas procuravam ser uma resposta à propaganda negativa feita pelos adversários, e algumas vezes não passavam também de obras de propaganda. Foram publicados livros que mostravam através das lentes do otimismo as realizações

soviéticas, por exemplo, no campo econômico (GRINKO, G. *O plano quinquenal da URSS*. São Paulo: Lux, 1931; ILIN, M. *O abecedário da Rússia Nova*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934), educacional (FRIDMAN, Seman. *A educação na Rússia Soviética*. Rio de Janeiro: Adersen, 193?<sup>21</sup>) e as conquistas na área da medicina e da saúde pública (ZENO, Lelio O. *A medicina na Rússia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935; CONUS, Esther. *A proteção à maternidade e à infância na União Soviética*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935).

Entre as obras que vieram à luz nos anos 1930 chama atenção a grande incidência de abordagens sobre os novos comportamentos na sociedade soviética, notadamente no campo da sexualidade, por exemplo: HELMAN, I. *A vida sexual e o amor na URSS*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934; FOUILLET, H. *A vida sexual na Rússia soviética*. Rio de Janeiro: Conkson, 1934 (Prefácio de Osório César); KOLLONTAI, A. *A nova mulher e a moral sexual*. Curitiba/São Paulo/Rio de Janeiro: Guaíra, 193?; SILVA, Gastão P. *A mulher no regime proletário* (a verdadeira situação da mulher na Rússia). Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934. A notável recorrência da temática sexual não é fruto do acaso. A denúncia das mudanças de comportamento operadas na Rússia pós-revolucionária foi um dos principais argumentos das campanhas anticomunistas. Elas procuravam convencer o público que a introdução do divórcio, do aborto e da educação sexual teriam levado o país a um estado de completa dissolução de valores, e que a “libertação da mulher” alardeada pelos comunistas era sinônimo de depravação<sup>22</sup>. Daí a preocupação dos editores de esquerda em lançar livros apresentando as mudanças de comportamento naquele país sob a ótica da moral comunista, para mostrar que as mulheres não foram socializadas pelo Estado e nem o país transformado em bordel ou numa nova Sodoma. O que tinha ocorrido, garantiam eles, era uma revolução libertando a sociedade de normas antiquadas responsáveis por oprimir a todos e impedir a verdadeira felicidade e o amor, mudança benéfica principalmente para as mulheres.

O investimento dos editores em tais livros pode ter sido motivado também por razões menos militantes e nobres, a busca do lucro. É o que sugere o médico Osório César, autor de um livro de viagem sobre a URSS e tradutor e prefaciador de outros. Na

---

<sup>21</sup> Na quarta capa do livro os editores, dirigindo-se aos professores, anunciam que a publicação é o título inicial de uma série. Eles entendiam que muito tinha sido escrito sobre a revolução proletária na Rússia, mas ainda nada sobre sua obra escolar: “No intuito, pois, de tornar conhecidos esses métodos entre nós é que iniciamos a publicação, em brochuras populares da ‘Coleção de Pedagogia Marxista’ [...]”.

apresentação do livro de Fouillet, após elogiar o autor por desmistificar a propaganda anticomunista através de argumentos sérios e científicos, Osório César ataca outras obras nem tão sóbrias assim, que estavam sendo lançadas por “[...] certos editores brasileiros ávidos de ganancia, que exploram a curiosidade de público nas questões escabrosas do domínio sexual”<sup>23</sup>.

Como já mencionamos, uma nova fase para o mercado livreiro de esquerda abriu-se ao final da Segunda Guerra, com as vitórias militares do Exército Vermelho e a mudança na situação política interna. Os grupos de esquerda trataram de organizar-se para aproveitar a conjuntura favorável: de um lado, o Estado ditatorial hesitava em usar seu poder censório e, de outro, o interesse popular em torno da União Soviética aumentara consideravelmente. O editor Calvino Filho foi o primeiro a perceber as novas possibilidades e a demonstrar a audácia necessária para experimentar a disposição do governo. Já em 1943 ele começou a publicar livros sobre a URSS e as vitórias do Exército Vermelho, alguns dos quais alcançaram índices de vendagem expressivos. Um dos primeiros foi *O Poder Soviético*, livro do religioso inglês Hewlett Johnson, que tirou sete edições em dois anos, algumas delas no formato “popular”.

No mesmo ano (1943) Calvino lançou vários outros títulos de linha pró-soviética, livros que tiveram boa vendagem. A estratégia editorial era explorar o tema das vitórias do Exército Vermelho (HINDUS, Maurice. *O segredo da resistência russa*<sup>24</sup>) e mostrar a União Soviética através do olhar de observadores aparentemente isentos, como o próprio Hewlett Johnson, um sacerdote cristão<sup>25</sup>, e um ex-embaixador americano em Moscou<sup>26</sup>. Mas o momento era tão favorável que foi possível até lançar biografias de Stalin<sup>27</sup>. Tão logo foi organizada, a editora oficial do Partido Comunista começou também a lançar títulos explorando as vitórias soviéticas, como *O povo é imortal*<sup>28</sup>, romance sobre soldados russos em luta contra as tropas de ocupação alemãs.

---

<sup>22</sup> Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

<sup>23</sup> Prefácio, In FOUILLET, H. *A vida sexual na Rússia soviética*. Rio de Janeiro: Conkson, 1934.

<sup>24</sup> HINDUS, Maurice. *O segredo da resistência russa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1943.

<sup>25</sup> Do mesmo autor, que era Deão de Canterbury, Calvino editou também *O cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*, do qual tiraria três edições (Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1943). Outro livro em que se adotou a mesma estratégia de associar a URSS a imagens religiosas: HINDUS, Maurice. *Santa Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1944.

<sup>26</sup> DAVIES, Joseph. *Missão em Moscou*. 2 ed. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1943. Esse livro deu origem a um filme de mesmo título produzido pelos estúdios Warner Brothers, exemplo interessante de como o contexto era realmente propício à divulgação de uma imagem positiva da URSS.

<sup>27</sup> LUDWIG, Emil. *Stalin*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1943

<sup>28</sup> GROSSMAN, Vassili. *O povo é imortal*. Rio de Janeiro: Vitória, 1945.

Passado o entusiasmo causado pelo fim da guerra e a vitória sobre o nazismo, e com o advento da guerra fria, as edições com enfoque na URSS começaram a explorar uma nova faceta daquele país, dando início a um terceiro momento nessa trajetória editorial. Na fase compreendida entre os anos 1950 e 1960, as edições comunistas concentraram-se na divulgação dos avanços e descobertas da ciência soviética. Esse período foi marcado por notável interesse popular em torno das atividades dos cientistas, especialmente no campo da conquista espacial. Respondendo à demanda do público e, simultaneamente, tomando lugar na batalha de propaganda da guerra fria, o aparato editorial do PCB lançou-se à tarefa de divulgar o trabalho dos cientistas soviéticos. A Vitória chegou a organizar, nos anos 1950, uma coleção especial dedicada ao tema, a “Coletânea de Estudos Científicos”, à qual pertenciam os seguintes títulos: *A origem da vida* (o maior sucesso da coleção, alcançou 5 edições); *O ABC do sistema solar*; *O vôo no espaço cósmico* e *A albumina e a vida*. (2 edições).<sup>29</sup>

Uma das maiores iniciativas dos comunistas nesse campo deu-se com a viagem de Iuri Gárgarin ao Brasil, em 1961. Então no auge da fama mundial, conquistada graças ao feito histórico de ser o primeiro homem a entrar em órbita em torno do planeta, o cosmonauta soviético fez uma visita ao Brasil, oportunidade de ouro para a propaganda do comunismo e, também, para tentar popularizar o trabalho editorial do PCB. No mesmo ano da visita a Vitória lançou um livro de autoria atribuída a Gárgarin, *O homem soviético no cosmos*, que na verdade era uma coletânea de textos publicados na imprensa soviética, recheados de fotografias do herói. A única parte do livro que parece ter sido escrita por Gárgarin é uma saudação dirigida ao povo brasileiro. Não há informações sobre a vendagem desse título, mas suspeitamos que não teve lá grande fortuna, pois o texto é algo maçante. Parece que um livro não foi suficiente para contentar os editores do PCB, pois lançaram outro título assinado pelo Major soviético, nesse caso em forma de folhetim: *Minha vida e meu vôo ao cosmo*<sup>30</sup>.

Voltemo-nos, agora, para a terceira e última categoria em que dividimos as edições dedicadas à “pátria dos trabalhadores”, os relatos de viagem. A experiência do viajante que se aventura por outras terras, invariavelmente, gera uma reação de estranhamento diante do desconhecido, um choque provocado pela descoberta do novo.

---

<sup>29</sup> Eis as referências completas: OPÁRIN, A. *A origem da vida*. 5 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1963; FESENKOV, V.G. *O ABC do sistema solar*. Rio de Janeiro: Vitória, 1957; STERNFELD, A. *O vôo no espaço cósmico*. Rio de Janeiro: Vitória, 1957; BRAUNSTEIN, A. *A albumina e a vida*. (2 ed.) Rio de Janeiro: Vitória, 1963.

Dependendo da situação e do seu estado de espírito, esse impacto pode gerar tanto repulsa quanto seduzir. Naturalmente, no caso dos comunistas que viajaram à URSS e deixaram registro escrito da experiência, predominou uma reação de deslumbramento, de fascínio pelo contato com o novo mundo socialista. Na verdade, não se tratava para eles de descobrir um mundo novo, já que partiam do Brasil com imagem formada daquele país, construída através das representações divulgadas pelo aparato cultural do Partido Comunista. Tratava-se de observar *in loco* se as imagens correspondiam à União Soviética real, e esse encontro tornava-se mais emocionante e envolvido em mistério graças à propaganda anticomunista, que se esforçava por pintar um quadro terrível da situação além-Urais.

Normalmente, o contato desses viajantes com a realidade soviética não foi além do superficial. As viagens eram monitoradas pelas autoridades locais, que preparavam roteiros e eventos destinados a impressionar bem os convidados. Afinal, cultivar uma boa imagem do país era peça importante na guerra diplomática e de propaganda. Havia inclusive uma agência oficial destinada a cuidar dos turistas na terra dos soviéticos, a V.O.K.S., que fazia o máximo para agradar e mimosear os visitantes. Eles eram levados a fábricas modelo, creches modelo, hospitais modelo e outros locais do gênero, e a barreira da língua tornava impossível o diálogo direto com a população.

Quando começaram a ser publicados, nos anos 1930, esses textos despertaram bastante interesse, gerando um verdadeiro filão editorial. Inicialmente, as editoras de esquerda traduziram textos de autores estrangeiros, viajantes que embora não fossem comunistas apresentavam imagens neutras ou simpáticas à URSS. É o caso dos livros de Alvaro Del Vayo (*A nova Rússia*) e Diego Hidalgo (*Impressões de Moscou*), ambos publicados pela editora Pax em 1931.<sup>31</sup> No mesmo ano apareceu um livro que foi um verdadeiro estouro para os padrões editoriais da época, *Rússia*<sup>32</sup>, do médico e professor universitário Maurício de Medeiros. A obra tornou-se um marco, afinal, foi o primeiro relato de viagem de um brasileiro à União Soviética. O mais impactante foi a recepção do público e a vendagem: a editora Calvino tirou seis edições sucessivas de *Rússia*, numa tiragem total de 24 mil exemplares! Não sem motivo o livro chamou a atenção

---

<sup>30</sup> O livro foi publicado em folhetim pelo jornal *Novos Rumos*, então órgão oficial do PCB. A publicação saiu nas edições semanais do jornal entre agosto e novembro de 1961.

<sup>31</sup> Importa mencionar que pela mesma época circulavam relatos de inspiração anticomunista, exemplos: DOUILLET, Joseph. *Moscovo sem Mascara* e ISTRATI, Panait. *A Rússia Nua* (ambos publicados pela Livraria Globo, de Porto Alegre, em 1931).

dos contemporâneos, instigando a curiosidade dos progressistas e esquerdistas e despertando a ira da direita. Medeiros não era comunista, mas a simpatia que demonstrou em relação a alguns experimentos soviéticos, especialmente no campo da saúde e dos comportamentos, atraiu contra si o ódio dos anticomunistas<sup>33</sup>. Considerando a repercussão e as polêmicas geradas pelo livro, não é descabido supor que parte dos que compraram ou leram a obra o fizeram para conhecer os argumentos do inimigo.

O sucesso e a vendagem obtidos por *Rússia* parecem ter estimulado o mercado editorial, que lançou vários títulos do mesmo gênero na seqüência, por exemplo: *Onde o proletariado dirige*, do médico Osório César, que foi à União Soviética em companhia de Tarsila Amaral, então sua companheira, responsável pelas belas ilustrações do livro<sup>34</sup>; *Um engenheiro brasileiro na Rússia*, de Cláudio Edmundo, que relata sua experiência profissional naquele país, onde foi trabalhar atraído pelo sonho de uma sociedade socialista em formação<sup>35</sup>.

Nessa lista merece destaque o relato de Caio Prado Jr, *URSS, um mundo novo*, um dos primeiros livros escritos pelo historiador e talvez o menos conhecido, embora seja texto importante para documentar sua trajetória política. O entusiasmo na defesa do Estado soviético e a confiança demonstrada no socialismo como futuro da humanidade – embora o relato seja dos mais sóbrios e bem informados entre os do gênero – sugerem que a viagem foi momento decisivo na caminhada de Prado Jr. rumo ao Partido Comunista. Curiosamente, o livro foi publicado por uma grande editora comercial, a Companhia Editora Nacional<sup>36</sup>. É indício eloqüente de que os livros dedicados à União Soviética encontravam boa acolhida entre o público consumidor, não se resumindo a fenômeno confinado às margens do mercado editorial. No prefácio do livro o autor faz comentário interessante sobre o surto editorial em questão:

O que se tem escrito sobre a União Soviética é incalculável. Não há hoje assunto mais explorado. Mesmo a literatura brasileira, em regra tão pobre, já conta, entre originaes e

---

<sup>32</sup> O livro trazia um subtítulo esclarecedor, mas muito extenso (*Notas de viagem-impressões-entrevistas-observações sobre o regimen soviético*), e acabou ficando conhecido apenas por *Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.

<sup>33</sup> Cf. MOTTA, *Op.cit.*, pp.70 e 71.

<sup>34</sup> São Paulo: s/ed., 1932 (Prefácio de Henri Barbusse). Essa foi a fase socialista de Tarsila, que produziu algumas obras influenciadas pelos ideais e estética comunistas. A artista fez algumas palestras sobre a arte soviética, em que apresentou as impressões colhidas na viagem.

<sup>35</sup> Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933. Nos anos 1930, devido ao gigantismo dos empreendimentos econômicos e de construção civil, a URSS contratou técnicos estrangeiros para suprir a demanda por mão de obra especializada.

<sup>36</sup> No ano seguinte, 1935, a CEN editou outras duas obras dedicadas à URSS, mencionadas páginas atrás (os livros de Esther CONUS e Lelio ZENO).



traduções, um número bem apreciável de obras no gênero. No entanto o interesse do público pelo assunto não decresce. Qualquer livro sobre a União Soviética ainda é avidamente procurado. E é natural que assim seja. O que hoje se passa na Rússia, direta ou indiretamente toca todo mundo; e toca numa fibra bastante sensível ...

A apreciação de Caio Prado Jr. sobre o interesse do público revelou-se acurada, já que o seu próprio livro também vendeu bem, tirando duas edições em um ano (1934 e 1935). Quem sabe não poderia ter vendido outras edições, se não tivesse ocorrido a “Intentona Comunista” e a repressão subsequente, que colocou a obra no rol dos livros proscritos?

Nos anos de 1950, em meio às tensões da Guerra Fria, teve lugar mais uma onda de publicações de relatos de viagem à União Soviética. O novo impulso foi possível graças ao aumento no fluxo de viajantes que se aventuravam pelo leste europeu. Parte dessas pessoas ia participar de eventos internacionais na Europa, e aproveitava o ensejo para conhecer o “mundo socialista”, enquanto outros eram convidados do Estado soviético, que investia em relações públicas atraindo intelectuais ou líderes sociais de grande projeção. Nesse período, em contraste com o anterior, é nítido o investimento oficial do Partido Comunista (soviético e brasileiro) nas viagens e nos livros que se lhes seguiram. Tratava-se de uma estratégia de aperfeiçoar a propaganda do projeto comunista, em um contexto marcado por forte propaganda anticomunista e anti-soviética.

Os soviéticos faziam sua parte custeando viagens e estadia a partir de uma capital européia, normalmente Paris ou Praga. Daí em diante os convidados não gastavam mais nada, e o “pacote” incluía a viagem de retorno à capital européia de origem. Os recursos necessários ao deslocamento do Brasil à Europa corriam por conta do PCB ou dos próprios viajantes, e muitas vezes eram obtidos através de coletas, sorteios ou festas. A maioria dos livros resultantes foi publicada pela editora Vitória, em edições luxuosas para os padrões da época, o que nos leva a conjecturar: receberiam algum subsídio soviético?

Entre os livros publicados pela Vitória destaque-se: *Mundo da Paz*, de Jorge Amado; *Viagem à União Soviética*, de Branca Fialho; *Um marítimo brasileiro na União Soviética*, de Humberto Alves Campelo; e *Atravessando as fronteiras da URSS*, organizado pela Federação das Mulheres do Brasil<sup>37</sup>. Nota-se a preocupação de

---

<sup>37</sup> Os livros de Amado (3 edições em um ano) e Fialho saíram em 1952, o de Campelo em 1953 e o da Federação das Mulheres do Brasil (FMB) em 1954. No caso do livro da FMB trata-se de coletânea de entrevistas com mulheres que visitaram a URSS, cerca de uma dezena. As mais destacadas foram a atriz

diversificar os autores, que apresentam perfil e às vezes origem social distinta: lideranças femininas, trabalhadores, intelectuais. Tiveram também o cuidado de editar personalidades aparentemente insuspeitas de adesão ao comunismo, para conferir a seus relatos a aura de neutralidade, como no caso de Branca Fialho, líder da Federação das Mulheres do Brasil.

Embora a maioria tenha saído pelo selo da Vitória, alguns dos relatos de viagem foram lançados por outras editoras: *Eu vi as democracias populares*<sup>38</sup>, de Zora Seljan Braga; *O Mundo do Socialismo*<sup>39</sup>, de Caio Prado Jr., que tem a peculiaridade de ser o único autor a escrever dois relatos de viagem; *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro*<sup>40</sup>, de Osny Duarte Pereira; e *Viagem*<sup>41</sup>, de Graciliano Ramos.

Desse conjunto de obras as mais afortunadas em termos de vendagem foram, sem surpresa, aquelas escritas pelos autores mais conhecidos do público brasileiro. *O Mundo da Paz* teve três edições sucessivas, antes de ter problema com as autoridades, que tentaram tirá-lo de circulação. O livro foi renegado por Jorge Amado após sua ruptura com o PCB, em decorrência da crise detonada pela divulgação do relatório Krushev (1956). Certamente constrangido pelo teor do livro, que procura convencer o leitor de que a URSS é um paraíso terrenal e Stalin o “guia genial dos povos”, o escritor baiano proibiu novas reedições. *Viagem* teve vendagem menos espetacular no momento do lançamento em comparação com o livro de Amado, mas em compensação já passou da casa das 15 edições, posto que permaneceu no catálogo da sua editora até recentemente.

O fato de *Viagem* ter sobrevivido, ao contrário de *Mundo da Paz*, deve-se às posturas diferentes adotadas por seus autores. Ambos eram comunistas fiéis ao PCB e admiradores da União Soviética e de Stalin, mas Graciliano Ramos apresenta um espírito crítico e uma independência de julgamento absolutamente ausentes em Jorge Amado. O tom de Amado é o do militante em tempo integral, do homem do aparelho, do profissional do partido. É até possível que em seu íntimo ele alimentasse dúvidas e

---

Maria Dela Costa, a “heroína” comunista Elisa Branco, que ganhou o Prêmio Stalin, e as esposas de Graciliano Ramos (Heloísa) e Jorge Amado (Zélia, que aparece com o sobrenome do marido).

<sup>38</sup> São Paulo: Brasiliense, 1951.

<sup>39</sup> São Paulo: Brasiliense, 1959 (3 ed., 1967).

<sup>40</sup> Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.

<sup>41</sup> 3ed. São Paulo: Martins, 1961. A obra foi publicada postumamente, em 1954, mas antes os familiares de Graciliano tiveram de driblar pressões de líderes do PCB visando a censurar o livro, do qual desconfiavam por seu conteúdo potencialmente herético. Pela mesma razão, e também infrutíferamente, foram feitas gestões para impedir a publicação de *Memórias do Cárcere*. Cf. MORAES, Dênis. *O Velho Graça. Uma biografia de Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. pp.274,286,311 e 312.

apreensões, mas elas não têm lugar no livro<sup>42</sup>. O texto de Graciliano revela um intelectual indubitavelmente comprometido com a causa comunista, preocupado em defender a URSS e Stalin dos ataques da propaganda anticomunista. Mas, ao mesmo tempo, ele consegue manter-se um escritor independente. Graciliano não permite que sua obra assuma tom panfletário e é capaz de conciliar admiração com uma ponta de desconfiança. Nas suas palavras o país soviético adquire formas menos paradisíacas e mais verossímeis, e em seu relato há lugar para a dúvida.

O livro de Graciliano Ramos sobreviveu, também, devido a suas qualidades literárias. Em *Viagem* encontramos o Graciliano Ramos habitual: a mesma prosa direta e seca, que se reflete até nos seus títulos, o estilo elegante de sempre. Mas aqui ele deixou manifestar-se, com especial ênfase, sua veia irônica, arma ferina para criticar as mazelas da realidade social e política brasileira. Seguindo a tradição da literatura de viagem, Graciliano se apóia no outro para melhor enxergar e apontar as falhas da própria sociedade:

Lá dentro, biblioteca larga, a abundância de literatura que nos surge em tôda a parte. Filas diante das livrarias; as edições esgotam-se com rapidez inadmissível. [...] Não acharemos neste país um analfabeto? Saudades da nossa terra simples, onde os analfabetos engordam, proliferam, sobem, mandam, na graça de Deus. Felizmente há no parque de cultura restaurantes e bilhares. Ainda podemos jogar uma partida, beber uma cerveja. A ditadura horrível não nos proíbe essas necessidades cristãs<sup>43</sup>.

Após 1964, parte em decorrência da repressão, parte devido à própria decadência dos comunistas, que viram sua hegemonia sobre o campo revolucionário esfumar-se em cisões internas e dissensões sem fim, as edições de esquerda entraram em declínio. Outras editoras vieram a ser organizadas depois, algumas em atividade até hoje, mas a literatura dedicada à “pátria dos trabalhadores” feneceu, em que pesem esforços recentes de reeditar algumas obras<sup>44</sup>. Vale mencionar que a derrota das esquerdas em

---

<sup>42</sup> Em *Navegação de cabotagem* (5ed. Rio de Janeiro: Record, 2001), obra em que rememora parte de sua vida, Jorge Amado narra momentos angustiosos vividos na Europa oriental, quando começou a ouvir histórias sobre torturas e perseguições (pp. 31 e 244). Segundo Amado, *Mundo da Paz* teria vendido cinco edições (p.233).

<sup>43</sup> RAMOS, *Op.cit.*, p.97. Um tema comum aos relatos de Ramos e Amado: ambos revelaram entusiasmo e uma pontada de inveja em relação aos índices de vendagem de livros na URSS, onde as tiragens chegavam às centenas de milhares. Grande contraste com a situação do Brasil na época, que tinha autores consagrados pela crítica, como o próprio Ramos, cuja vendagem total não ultrapassava alguns poucos milhares de livros.

<sup>44</sup> Dois títulos lançados no Brasil pela coleção Romances do Povo foram reeditados recentemente: *Assim foi temperado o aço*, de Nikolai Ostrovsky, e *Os mortos permanecem jovens*, de Anna Seghers (São Paulo: Expressão Popular, 2003). Seria uma tentativa de refundar a cultura comunista?

1964 deixou campo aberto para o triunfo das versões anticomunistas sobre a URSS, inclusive na produção editorial<sup>45</sup>.

\* \* \* \* \*

Os comunistas acreditavam na importância e na eficácia do trabalho editorial, encarado como instrumento para formação de militantes e mecanismo de divulgação de seus valores e ideais. Significativamente, os inimigos da revolução também acreditavam na força da literatura inspirada no comunismo, só que a recebiam com um misto de temor e indignação. Nos momentos em que a situação política o permitiu os grupos conservadores partiram para a censura e a repressão, na caça ao que consideravam:

[...] uma literatura malsã e de fundo comunista. Essa literatura, incluindo alguns livros brasileiros que, como os outros estrangeiros, estão sendo retirados da circulação, era o veículo mais seguro da propaganda. Por essa razão, e de certo modo inexplicável, as edições de tais obras se multiplicavam e os seus preços eram os mais acessíveis, sem se saber exactamente quem financiava tais despesas. Os livros sobre a nova Rússia, obra apaixonada e cheia de embustes e mentiras, tornaram-se por isso comuns e eram vistos em todas as mãos, inclusive dos moços que, no seu entusiasmo ingenuo, acreditavam em tudo quanto liam<sup>46</sup>.

Apesar da crença da autoridade citada na força de convencimento dos livros comunistas, o simples fato de circularem e serem consumidos não implica, necessariamente, que eram lidos ou recebidos como os autores e editores esperavam. Aqui ocorreu fenômeno semelhante ao apontado por estudiosos da história do livro em outros contextos: algumas vezes as obras foram consumidas mais por seu conteúdo simbólico do que textual. Muitas pessoas adquiriram livros para decorar a estante – notadamente os manuais doutrinários –, ou como símbolo de adesão à causa, e não necessariamente para lê-los. Nos períodos repressivos possuir ou fazer circular livros proibidos era maneira de afrontar o poder, uma forma simbólica de expressar

---

<sup>45</sup> No decorrer daqueles anos foram editados vários relatos de viagem de caráter anticomunista, por exemplo: COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. 2ed. Rio de Janeiro: s/ed., 1962; SUED, Ibrahim. *000 Contra Moscou*. Viagem ao país do medo. Rio de Janeiro: Bloch, 1965; TONUSSI, Agenor. *Fui estudante em Moscou*. 2 ed. Rio de Janeiro: Laudes/MEC, 1971. É interessante observar que a obra de Cotrim adotou título idêntico ao de um livro comunista dos anos 1930, mas, ao contrário daquele, só enxergava atraso e ineficiência na economia soviética.

<sup>46</sup> Entrevista do Ministro da Justiça Francisco Campos, em que é apresentada a política de combate ao comunismo do recém implantado Estado Novo. *A Noite*, 10/12/37 (Edição Final), p.1.

inconformismo. Aliás, vale mencionar, a repressão fez a fortuna de muitos autores e editores, ao aguçar a curiosidade pública em relação às obras censuradas.

Existe um paradoxo na cultura comunista que é preciso levar em conta ao avaliarmos a questão da recepção dos livros. A tradição comunista, ao mesmo passo que preza a leitura e os livros, considerando-os indispensáveis para a construção do novo homem e da nova sociedade, cultiva tendências antiintelectualistas que se manifestam intermitentemente. Há uma tensão constante na relação entre a organização revolucionária e o mundo da cultura, que leva o partido a desejar atrair os intelectuais e, simultaneamente, a olhá-los com desprezo e desconfiança. A partir daí é possível compreender a atitude de uma leitora, residente no município fluminense de Marquês de Valença, que em agosto de 1948 mandou carta curiosa aos dirigentes da editora Vitória. Ali ela se manifesta contra o que considera uma excessiva preocupação do partido com os livros. Era preciso menos leitura e mais ação revolucionária, dizia ela<sup>47</sup>.

Último exemplo, retirado também das correspondências de leitores, interessante para pensar os limites à eficácia do projeto editorial comunista. Um correspondente da Vitória residente em Aquidauana, Mato Grosso, reclama o envio de mais exemplares do livreto *Zé Brasil*, de Monteiro Lobato, um dos maiores sucessos de vendagem da editora. Segundo o missivista, as poucas dezenas de exemplares chegados à cidade foram suficientes apenas para atender ao público urbano, constituído de operários e de pequeno-burgueses. Os camponeses, grupo que deveria receber a obra em primeira mão, dado o conteúdo político do pequeno libelo contra o latifúndio escrito por Lobato, “... ainda não tomaram conhecimento”<sup>48</sup>.

Em que pesem as ressalvas referidas, apontando para a necessidade de estudos capazes de dar conta do fenômeno de recepção desses livros, permanece o fato de que os comunistas empreenderam trabalho editorial notável, especialmente se consideramos a longa duração do projeto, o volume do material publicado e a quantidade de pessoas atingidas. Acreditamos que esse é um capítulo importante da história do livro e da leitura no Brasil.

---

<sup>47</sup> APERJ, Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 748.

<sup>48</sup> Carta de Enio Cabral, 03/09/48. APERJ, Fundo DPS, D.37, Vol.1, folha 78.